

Brasil tem tecnologia para mudar educação

Programa capaz de ampliar limites das salas de aula não tem decisão política

O Brasil dispõe de infraestrutura material suficiente para desenca-
dear uma profunda reformu-
lação na educação, mas ainda não
houver uma decisão política nes-
se sentido. Essa é uma das con-
clusões do programa *Brasil
Pensa* que a *TV Cultura* apre-
senta na quinta-feira, num deba-
te sobre infovias, as redes eletrô-
nicas de tráfego de informação.
Participam dos debates Luis
Sérgio Coelho de Sampaio, da
Embratel; Tadao Takahashi, da
Rede Nacional de Pesquisa, do
Ministério da Ciência e Tecnolo-
gia; Irenilza Naas, da Unicamp e
Rodrigo Mesquita, diretor da
Agência Estado. Os Estados
Unidos são o país que dispõem
de maior infraestrutura de info-
vias, com 18 milhões de quilô-
metros de cabos de fibras ópti-
cas já instalados.

Supervias — A sofisticação
desse projeto — com as super-
highways, coordenado direta-
mente pelo vice-presidente, Al
Gore — deve consumir US\$ 2 tri-
lhões na próxima década. O con-
traste com o Brasil é enorme. O
País dispõe de apenas 700 quilô-
metros de linhas, pouco mais

que 10% da exten-
são instalada pelo
Chile, que tem 5
mil quilômetros.

O impacto so-
cio-cultural des-
sas novas tecnolo-
gias são difíceis
de serem devida-
mente avaliados,
na opinião de
Coelho de Sam-
paio. Mas ele defende a idéia de
que as escolas não devem ser
marginalizadas nesse processo.
Essa seria uma forma de se cons-
truir "uma sociedade mais har-
mônica", propõe. O representa-
te da Embratel diz que a empre-
sa já desenvolveu um projeto de
educação baseado nessa tecnolo-
gia, em interação com univer-
sidades do Rio.

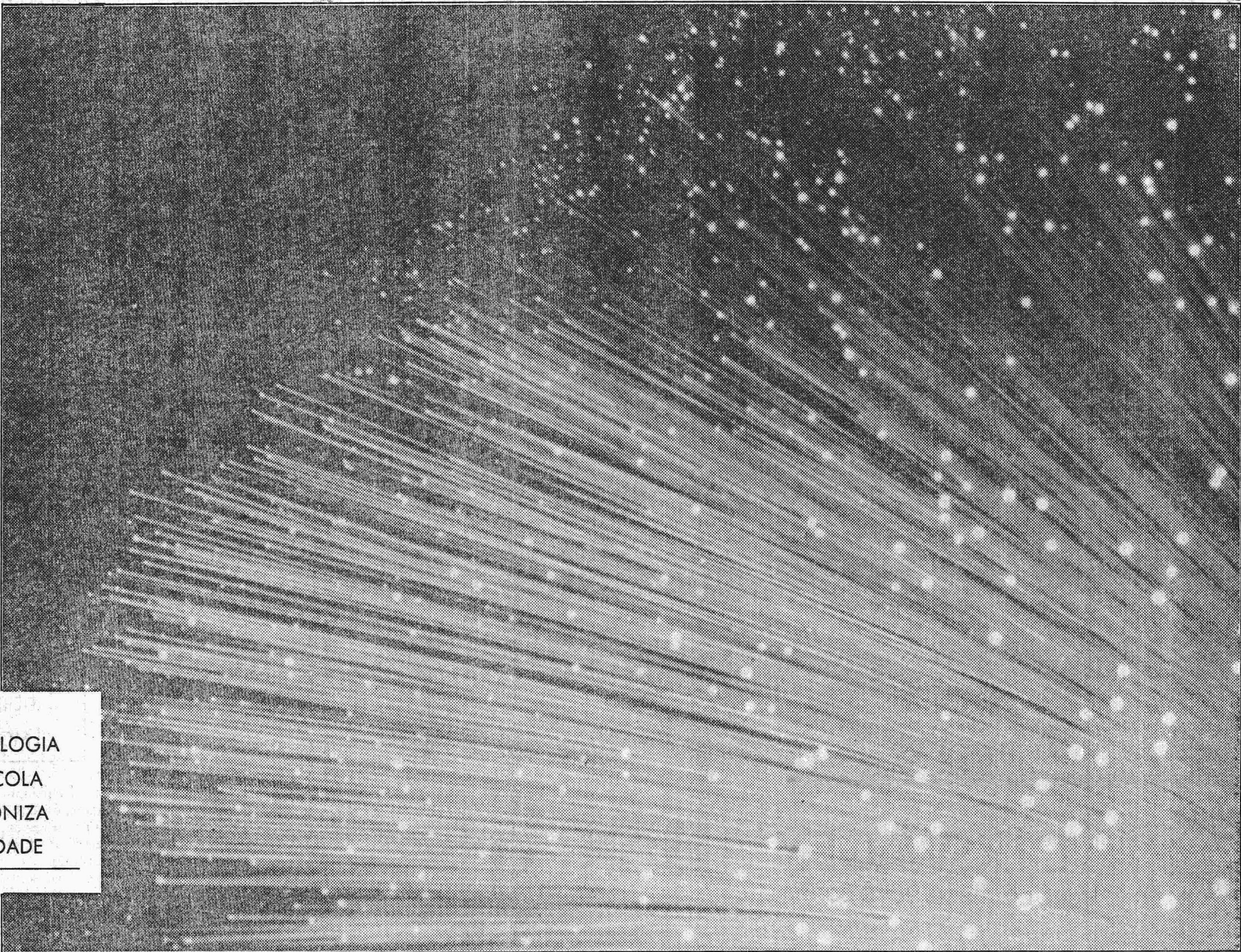
Mas um projeto com preten-
sões de reformular ou ao menos
melhorar a qualidade da educa-
ção no Brasil — incluindo a reci-
clagem de professores —, deve
ser tarefa especialmente do Mi-
nistério da Educação, critica Ro-
drigo Mesquita. O diretor da
Agência Estado, mesmo reco-
nhecendo a importância dessa
reformulação, entende que a ta-
refa não cabe a um órgão como a
Embratel.

Tadao Takahashi também cri-
ticipa o que chama de "falta de
uma visão global" na política de
telecomunicações, especialmen-
te em relação aos cabos ópticos.
Recomenda que o gasoduto que
trará gás da Bolívia, e que se bi-
furca já em território brasileiro,
poderia abrigar em seus cantei-
ros os cabos ópticos com uma
série de vantagens. Combinadas,
elas reduziriam sensivelmente
os custos. Mesmo as linhas con-
vençionais de transmissão de
energia elétrica deveriam ser
usadas para também comportar
os cabos ópticos, sugere.

Mesquita pensa que a flexibi-
lização do monopólio das teleco-
municações poderia trazer no-
vos desenvolvimentos nessa
área e aponta a experiência da
Agência Estado. Há cinco anos,
a agência trabalhava com telex
— equipamentos que não sele-
cionavam satisfatoriamente a
informação — e atendia 60 jor-
nais. Atualmente, com sistemas
informatizados inclusive em
tempo real, a agência atende a
180 dos aproximadamente 420
jornais diários nacionais, além
de 4.500 pontos de telemática.

Barateamento — Os debate-
dores acreditam que a tendên-
cia, nas telecomunicações, é de
um barateamento cada vez
maior de custos. Exemplo disso,
justificam, são as antenas para-
bólicas e mesmo os microcom-
putadores. Irenilza Naas aponta
as vantagens, nessa área, tam-
bém para empresas de pequeno
porte. Pequenos empresários,
acessando redes de comunica-
ção, podem obter informações e
mesmo vender seus produtos
com técnicas de realidade vir-
tual em mercados de todo o
mundo. Por esse programa, com
apoio da Organização das Na-
ções Unidas, já é possível ter
acesso a 500 mil informações re-
lativas a 50 países diferentes.

TECNOLOGIA
NA ESCOLA
HARMONIZA
SOCIEDADE



Fibras ópticas: País tem 700 quilômetros instalados, contra 5 mil do Chile e 18 milhões nos Estados Unidos. Satélites podem compensar parcialmente as deficiências



Equipamentos portáteis abrem novos espaços para comunicação